

**AUTONOMIA, LIBERDADE ACADÊMICA E
INTERDISCIPLINARIDADE: NOTAS AUTOBIOGRÁFICAS DE
MINHA HISTÓRIA COM ALEXANDRE CARRIERI**

Fernanda Tarabal Lopes¹

CONTAR HISTÓRIAS E HOMENAGEAR

Oito meses de dedicação integral e exclusiva ao materno; esse é o tempo que antecede a escrita desse texto, desde minha última atividade acadêmica. Quando recebi o convite, emocionada, me perguntei como seria retomar a escrita em intervalos de sonecas do meu bebê, junto ao cansaço da privação de sono e lidando com as tantas outras demandas ligadas ao trabalho reprodutivo. Mas trata-se de tarefa nobre; eis então o momento de oportunizar o (re)encontro com a acadêmica e pedir licença à mãe, ainda que por alguns momentos.

Afinal, não poderia haver melhor oportunidade para tal (re)encontro do que em um texto em homenagem ao Alexandre Carrieri. Explicarei isso melhor no decorrer da narrativa. De antemão, também peço licença para a escrita em primeira pessoa, que vai me acompanhar por aqui. Ah, e isso eu comecei a aprender foi com ele também. Ademais, sei que narrar a minha história com o Carrieri expande a

¹ Doutora em Administração (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://lattes.cnpq.br/4933468482590261>. <https://orcid.org/0000-0003-2920-1255>. fernanda.tarabal@ufrgs.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração. Rua Washington Luiz, 855, Centro histórico, Porto Alegre, RS, Brasil. CEP: 90010-460. Telefone: (55 51) 33083818.



singularidade da nossa vivência, e fico imaginando que outros orientandos e alunes possam igualmente se reconhecer por aqui. E ainda, na expectativa de que essa narrativa autobiográfica inspire em futuros alunes a oportunidade para o estudo, formação e trabalho junto ao Alexandre.

Vale destacar que narrar a própria vida (auto-bio-grafar), conforme nos aponta Passeggi (2021), situa-se na perspectiva de uma epistemologia do sul, decolonial; nada mais adequado para um texto que homenageia o Carrieri. Trata-se de um processo cognitivo reflexivo privilegiado de organizar narrativamente a experiência e constituir, pelo vivido, um processo a partir do qual nos apropriamos do que somos, uma forma de nos compreendermos no seio de nosso ambiente social e histórico, de darmos conta da nossa própria historicidade, nos transformarmos e (re)inventarmos. Aqui, faço uso da abordagem como forma também de homenagear e agradecer.

Meu primeiro encontro com Carrieri ocorreu na seleção para o mestrado em Administração, no final do ano de 2005. Mas, nos conhecemos de fato em março de 2006, quando ingressei como aluna regular do curso. Era a realização de um sonho. Eu desejava estudar sobre organizações familiares, pois advinha do trabalho em uma empresa do tipo e, na semana da integração, o professor Carrieri se apresentou e relatou a respeito de seu interesse pelo tema. Que sorte seria trabalhar junto a esse professor. Para minha alegria, começávamos ali nossa história de orientação.

Na época, suas pesquisas se voltavam especialmente para os estudos sobre a Feira Hippie de Belo Horizonte e para os Shoppings Populares na cidade. Quanta admiração: ter um professor na Administração com o olhar voltados para esses espaços! Advinda da graduação em Psicologia, não esperava contar com vertentes tão sociológicas de estudo no campo das Ciências Administrativas. Entendi naquela época, a partir do contato com o Carrieri, que na Administração poderíamos refletir a partir de lentes críticas para a realidade organizacional,

realidade essa que, por sua vez, ia muito além do que eu entendia até então enquanto “empresa”.

Carrieri nos contava muito, nessa época, sobre sua tese de doutorado, defendida no ano de 2001. A investigação, de título “O fim do ‘Mundo Telemig’: a transformação das significações culturais em uma empresa de telecomunicações”, abordou sobre culturas e identidades nas organizações a partir da perspectiva da história dessa empresa e das transformações advindas especialmente a partir do processo de privatização. A pesquisa se voltou para a escuta das pessoas e destacou a visão dos próprios trabalhadores em relação ao mundo e ao seu trabalho. Esse estudo me marcou muitíssimo e entendi que a Administração que Carrieri me apresentava estava mais próxima da Psicologia do que eu poderia supor ao ingressar nesse campo.

Carrieri me direcionou ainda para materiais ligados à Antropologia e à Sociologia na Administração, inúmeras teses e dissertações relacionadas à dimensão cultural. Conheci pesquisas pelo Brasil afora por meio das leituras que o professor me indicava, leituras essas que me abriam uma imensidão de conhecimento apresentado por ele.

“PESQUISE O QUE TE DEIXA FELIZ” – SOBRE AUTONOMIA E LIBERDADE ACADÊMICA

Em 2006, fui sua aluna na disciplina de nome “Organizações e Simbolismo”. Nessa, fiz uma atividade sobre Representações Sociais, uma temática bastante relacionada à Psicologia Social, e isso me entusiasmou profundamente. Para o trabalho final do curso, fomos entrevistar os trabalhadores da limpeza, os garis, da Superintendência da Limpeza Urbana (SLU) de Belo Horizonte. Nesse trabalho, nossa reflexão pautou-se na representação dos garis sobre seu trabalho; a partir da nossa escuta, percebemos ainda sobre o fenômeno da terceirização dessa

atividade e seus impactos nesses trabalhadores (desse campo emergiram reflexões que publicizamos em periódico posteriormente²).

O entusiasmo que tive por esse trabalho me fez refletir sobre uma possível mudança de tema da dissertação, e fui conversar com Carrieri sobre essa expectativa. Sentados na varanda de sua casa, com um de seus gatos passeando entre as pernas, sua resposta à minha indagação foi mais ou menos a seguinte: “sim, tudo é possível. Pesquise o que te faz feliz”³. Nunca me esqueci dessa frase e até hoje busco pautar os meus trabalhos como pesquisadora pela orientação que recebi do meu professor.

Vale frisar que orientações como essa são raridades na academia. Em um espaço no qual vaidades imperam, conforme bem destacou Pinheiro-Machado (2017), é comum se observar profissionais que direcionam seus alunos para que pesquisem os temas dos próprios professores, com pouca liberdade autoral e sem flexibilidade para escolhas. De maneira oposta, Carrieri sempre se posicionou e me direcionou para o espaço da autonomia, da criação, do respeito ao caminho próprio e independente.

Sobre liberdade acadêmica, tenho convicção de que falo aqui também por muitos de seus atuais e ex-orientandos. Os temas dos trabalhos dos alunos sob orientação do Carrieri são, de maneira geral, bastante diversificados, engajados com a denúncia e também com a transformação, e muitíssimo originais ao campo da Administração. Tratam-se de estudos que destacam as mais variadas profissões, sujeitos, trabalhadores, trabalhos, sociedades, organizações e modos de organizar. Como exemplo, têm-se as pesquisas sobre a atividade de *drag queens*, sobre grafiteiras, sobre trabalhadoras domésticas, investigação acerca da precarização do trabalho de músicos; os estudos a respeito do negócio funerário,

² Lopes, F. T., Maciel, A. A. D., Carrieri, A. de P., Dias, D. de S., & Murta, I. B. D. (2012). O significado do trabalho para os garis: um estudo sobre representações sociais. *Perspectivas Em Políticas Públicas*, 5(10), 41–69. Recuperado de <https://revista.uemg.br/index.php/revistappp/article/view/903>.

³ Como curiosidade: por fim, optei por não mudar de tema.

do aborto ilegal, do transplante de órgãos, sobre o cotidiano circense; além dos enfoques de gênero, feministas, raciais, dentre outros.

Alexandre Carrieri é um professor que, em teoria e prática, sabe que na universidade, o compromisso primordial do docente é pedagógico com seus alunos, e não narcisista consigo mesmo (Pinheiro-Machado, 2017). Um profissional que conduz pelos trilhos da autonomia, da criatividade, da humildade e, muito especialmente, de uma autêntica solidariedade com aqueles que o cercam.

Importante frisar ainda que a liberdade acadêmica a que me refiro, não diz respeito apenas à conduta do Alexandre com seus alunos, mas também à sua liberdade consigo mesmo. A partir de seus atuais temas de interesse: história e memória, cotidiano e gestão ordinária, Carrieri mostra sua refinada sensibilidade e sua visão crítica para a pesquisa que vai além da hegemonia da gestão, abordando realidades por vezes indizíveis, invisíveis e marginais.

“ONDE ESTÁ A PSICÓLOGA?” – SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE

“Onde está a psicóloga?”. Essa foi a frase que Carrieri me dirigiu durante a construção de minha dissertação de mestrado. A pesquisa, que buscou compreender a influência da família nas dinâmicas organizacionais de empresas familiares, teve como escolha inicial teórica a perspectiva de poder a partir de Foucault.

No entanto, passado um tempo após a defesa do projeto, veio a realização da pesquisa empírica, que teve como fio condutor principal a escuta das histórias das pessoas, das histórias das famílias e das histórias das organizações. Nesse momento, o campo me mostrou que as lentes para análise dos relatos que eu escutava precisavam ir além dos caminhos anteriormente escolhidos. E Carrieri me perguntava: “onde está a Psicanálise, a Psicologia Social etc.?”.

Tais indagações podem soar como algo simples, mas foi a partir daí que consegui me apropriar dos referenciais advindos da Psicologia e dar passos significativos, não apenas na pesquisa de mestrado, mas principalmente na afirmação da pesquisadora que sou no campo da Administração. Entendi, a partir do incentivo do Carrieri, que eu poderia traçar um caminho de pesquisa na área dos Estudos Organizacionais como psicóloga. Nessa troca interdisciplinar, tive a liberdade de produzir, a partir de sua orientação, uma dissertação de mestrado com a qual tanto me identifiquei⁴ e de publicar, junto ao Carrieri, uma série de textos e reflexões decorrentes⁵.

A partir do relato dessa experiência, destaco um ponto da atuação do Carrieri que considero sobremaneira especial: sua abertura e disponibilidade para a interdisciplinaridade. Carrieri compreende e demonstra por sua prática que fazer ciência é extrapolar as caixinhas intransponíveis dos velhos paradigmas e construir a partir de diálogos com campos diversos. Minha caminhada acadêmica por outras instituições de ensino superior me reforça o quão tal conduta é excepcional, ainda que pareça óbvia. Já escutei coisas do tipo: “Psicologia não é Estudos Organizacionais”, “Aqui não se pode pesquisar isso ou aquilo”, “não se pode falar sobre subjetividade em Estudos Organizacionais”, dentre outros abusos e assédios do mundo acadêmico. Carrieri sempre demonstrou para mim atitudes opostas a esse tipo de autoridade *démodé*: acolheu e incentivou minhas ideias, respeitou e incentivou as tantas possibilidades de trocas, costuras, conversações.

Sua perspectiva interdisciplinar o faz dar passos largos e com brilhantismo ímpar, haja vista a riqueza e vastidão dos tantos projetos de pesquisa que já coordenou

⁴ Lopes, F. T. (2007). *Fotografias de família: histórias de poder em organizações familiares*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

⁵ Lopes, F. T., & Carrieri, A. de P.. (2010). Fotografias de família pela ótica das sucessoras: um estudo sobre uma organização familiar. *Revista De Administração Contemporânea*, 14(3), 478–494. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552010000300006>; Lopes, F. T., & Carrieri, A. de P.. (2012). "O avô constrói, o pai usa e o neto morre de fome": histórias de família em uma organização. *Revista de Gestão*, 20(1), 3–20; Lopes, F. T., Carrieri, A., & Saraiva, L. A. S.. (2013). Relações entre poder e subjetividade em uma organização familiar. *Organizações & Sociedade*, 20(65), 225–238. <https://doi.org/10.1590/S1984-9230201300020000>.

e coordena, as dissertações e teses que orienta, a diversidade e riqueza de suas aulas⁶.

REMEMORAR E AGRADECER

São muitas as memórias e os afetos. Lembro-me com carinho das reuniões de orientação no seu gabinete na UFMG: uma sala colorida, cheia de vida, repleta de gente, de imagens, de objetos, de referências culturais, de recordações. Chego a sentir o gosto das balas azedinhas em forma de minhoca compradas no mercado central de Belo Horizonte, disponíveis em livre oferta para alunos.

Tenho a lembrança das orientações que também ocorriam na sua casa, rodeada pelos gatos, pelos seus filhos, pela tão querida Ana Rosa. A lembrança das festas de final de ano, das comidas deliciosas, da prosa para lá de boa. Sempre me senti muito contente em fazer parte desses espaços, os quais relembro com imenso carinho e saudades.

Recordo-me do nosso encontro em Paris; eu, na época, estudante de doutorado, em estágio sanduíche, e Carrieri em passeio com a família, e suas preocupações para que fôssemos comer em um lugar acessível para minha condição de estudante.

Tenho com enorme carinho e orgulho minha participação nos projetos do NEOS (Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade), e destaco a potência desse grupo coordenado por ele que é reconhecido enquanto referência de Estudos Organizacionais no Brasil e também fora do país.

A lembrança das caronas e do papo na volta da UFMG para casa. As músicas ofertadas como presente de Natal e Ano Novo (gratidão, Carrieri, por me

⁶ Eu me lembro com carinho da disciplina de Teorias das Organizações, em 2009, no curso de doutorado; recordo-me do incentivo ao diálogo, às trocas e de maneira especial, a rica e vasta lista de filmes a serem assistidos.

apresentar às canções de Mônica Salmaso). Experiências e lembranças que extrapolam os muros da universidade e que reforçam a dimensão do afeto, o que a mim é algo muitíssimo caro.

Quando olho para trás, e narro um pouco da minha história com Alexandre, revivo o sentimento de como fui feliz enquanto sua aluna e orientanda, e como me alegro e me orgulho da relação profissional e de amizade com ele construída. Muito obrigada por tudo, querido Carri.

REFERÊNCIAS

Carrieri, Alexandre P. (2001). *O fim do mundo Telemig – a transformação das significações culturais em uma empresa de telecomunicações*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

Passeggi, Maria C. (2021). A pesquisa (auto)biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora. *Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião*, 2(2), 312–314.

Pinheiro-Machado, Rosana (2017). Precisamos falar sobre vaidade na vida acadêmica. *Carta Capital*, 24 abr.

CONTRIBUIÇÃO

Fernanda Tarabal Lopes

A autora declara ser a única responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

A autora declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A autora declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

-

COMO CITAR

Lopes, Fernanda T. (2023). Autonomia, liberdade acadêmica e interdisciplinaridade: notas autobiográficas de minha história com Alexandre Carrieri. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 10(29), 516-524.